

**O ‘BEM-VIVER’: UMA RESPOSTA À CRISE
CIVILIZACIONAL**

[GOOD-LIVING: ONE ANSWER TO CIVILIZATIONAL CRISIS]

César Sanson

*Doutor em sociologia e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(E-mail: cesarsanson@gmail.com)*

Recebido em: 05/03/2018. Aprovado em: 24/05/2018

O 'bem-viver': uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

Resumo: O presente artigo analisa o avançado estágio da crise civilizacional contemporânea a partir de uma quintupla crise – econômica, energética, alimentar, climática e do trabalho – que apresentam rupturas entre a sociedade e a economia e a sociedade e o meio ambiente. Uma possível resposta a essa crise civilizacional e ao retorno de uma sociedade que seja sustentável com a natureza, às necessidades humanas presentes e futuras e com uma ética solidária pode ser encontrada no conceito do bem-viver. O bem-viver, um conceito milenar oriundo dos povos indígenas se constrói na oposição ao 'viver melhor' ocidental, que é individualista e se faz à custa da natureza.

Palavras chaves: Crise civilizacional, crise ambiental, bem-viver

Abstract: The present article analyzes the advanced stage of the contemporary civilizational crisis fivefold - economic, energy, food, climate and labor – which present ruptures between society and the economy and society and the environment. A possible response to this civilizational crisis and the return of a society that is sustainable with nature which present ruptures between society and the economy and society and the environment. A possible response to this civilizational crisis and the return of a society that is sustainable with nature, present and future human needs, and a solidary ethic can be found in the concept good-living. Good-living, a millenarian concept originating from indigenous peoples, is constructed in opposition to the western 'better living', which is individualistic and is done at the expense of nature.

Keywords: Civilizational crisis, environmental crisis, good-living

INTRODUÇÃO

O mundo está confrontado com uma crise estrutural e não somente conjuntural. As crises econômica, ecológica, alimentar, energética e do trabalho são manifestações de uma crise maior: uma crise de modelo de desenvolvimento de tipo civilizacional. Na essência da crise encontra-se o “modo de produzir” e o “modo de consumir” da sociedade mundial que está levando o planeta ao esgotamento.

Na origem de todas essas crises está o fato de que a economia deixou de ser a “serva” da sociedade para se tornar a sua “senhora”. Impulsionada pela ideia de progresso linear e quantitativo assentado sobre o crescimento econômico e recursos naturais ilimitados, a economia, na sociedade industrial, foi se desvencilhando gradativamente da ética e da política e passou a ser orientada e regida tão somente pelo mercado. Ainda mais, para além da ruptura da relação entre economia e sociedade, também a ligação entre economia e ambiente foi se desfazendo.

Na luta contra a destruição do planeta e no debate sobre como preservar o que resta, redescobrimos os povos indígenas. Nos últimos anos, diversos países latino-americanos, particularmente os andinos, vêm incorporando nas suas constituições, o conceito do “bem-viver”, que nas línguas dos povos originários é identificado como *SumakKawsay* (quéchua), *Suma Qamaña* (aimará), *Teke Porã* (guarani). Para alguns teólogos, antropólogos, sociólogos e pesquisadores temos aí uma das grandes novidades no início do século XXI. Redescobrimos um conceito milenar: o “bem-viver” que se diferencia do ‘viver melhor’ ocidental, que é individualista e que se faz geralmente à custa dos outros e em oposição à natureza.

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional
SANSON, César

O conceito do “bem-viver” é radicalmente anticapitalista e sugere que devemos construir uma sociedade que seja sustentável com a natureza, às necessidades humanas presentes e futuras, com uma ética solidária, tendo como fim a construção de uma sociedade baseada em valores da solidariedade, liberdade, democracia, justiça e equidade.

CRISE CIVILIZACIONAL

A novidade crucial desse momento histórico é que nos confrontamos com diversas crises – econômica, energética, alimentar, climática e do trabalho – que necessitam ser enfrentadas simultaneamente. Essas crises não estão isoladas, pelo contrário, manifestam-se de forma sinérgica mesmo que às vezes isso não esteja tão evidente.

A origem de todas essas crises encontra-se no fato de que a economia deixou de ser a “serva” da sociedade para se tornar a sua “senhora”. Impulsionada pela ideia de progresso linear e quantitativo assentado sobre o crescimento econômico e recursos naturais ilimitados, a economia, na sociedade industrial, foi se desvencilhando gradativamente da ética e da política e passou a ser orientada e regida tão somente pelo mercado. Ainda mais, para além ruptura da relação entre economia e sociedade, também a ligação entre economia e ambiente foi se desfazendo.

O ‘modo de produzir’ e o ‘modo de consumir’ estão na origem da crise civilizacional. Foi o padrão de consumo desenfreado da sociedade mundial que originou a crise econômica. Ora, é o mesmo padrão de consumo, o responsável pelo aquecimento global. É o ‘modo de produzir’ e o ‘modo de consumir’ da sociedade mundial que está levando o planeta

O 'bem-viver': uma resposta à crise civilizacional
SANSON, César

ao esgotamento dos recursos naturais. Por outro lado, a crise alimentar – 1 bilhão de pessoas hoje passam fome no mundo – está ligada à crise economia e a crise ecológica. O problema da fome não se deve ao excesso da população, há alimentos para todos – o problema é político, de acesso à comida. O problema está no mercado. Por outro lado, a opção pelo aumento da produção de agrocombustível usurpa terra para a produção de alimentos. O agrocombustível por sua vez está encadeado à crise ecológica porque piora a alteração climática e promove outros efeitos negativos sobre a soberania alimentar, a biodiversidade, a contaminação de solos e água, o desmatamento de florestas e outros ecossistemas naturais.

Permeada à crise ecológica, econômica e alimentar encontra-se a crise energética. A voracidade por energia é infinita. O modo de produção e de consumo exige e demanda muita energia – petróleo, gás, biocombustível, hidroeletricidade, energia nuclear. A maioria das matrizes energéticas são poluidoras (fósseis), perigosas (nuclear) e devastadoras do meio ambiente (hidrelétricas), ao mesmo tempo em que exigem enormes investimentos.

Hoje, portanto, percebemos um encadeamento das crises. Já não podemos mais dar centralidade apenas a economia para depois nos ocupar das outras crises. A questão fulcral diz respeito ao esgotamento do modelo de desenvolvimento criado e incrementado na sociedade industrial baseado em uma visão linear, progressiva, infinita e redutora de desenvolvimento, e que tem no consumo desenfreado a sua mola propulsora. Há uma crença no crescimento econômico e sua linearidade.

Poderíamos ainda acrescentar a esse conjunto de crises, a crise do trabalho. A sociedade operária ou salarial, constitutiva à sociedade industrial se encontra em crise.

UMA BREVE ABORDAGEM DAS CRISES

CRISE ECOLÓGICA

O planeta Terra dá sinais cada vez mais reiterados e evidentes de esgotamento. Os sistemas físicos e biológicos alteram-se rapidamente como nunca antes aconteceu na história da civilização humana. Desde o relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) de fevereiro de 2007, já não há mais contestação de que o responsável pela evolução acelerada da tragédia ambiental é a ação antropogênica sobre a Terra. À época, o informe dos pesquisadores e cientistas foi categórico e não deixou espaço para dúvidas ao afirmar de forma contundente – o relatório utilizou a expressão “inequívoca” – que o aquecimento global se deve à intervenção humana sobre o planeta.

Destaque-se que para muitos, as previsões do IPCC já estão defasadas. O quadro hoje seria pior do que o alardeado pelos cientistas no relatório de 2007. Estudo¹ apresentado por pesquisadores afirma que alguns limites planetários já foram ultrapassados. Segundo o estudo três dos limites já foram transgredidos: os do aquecimento global, a extinção de espécies e o ciclo do nitrogênio. Outros quatro estão próximos: uso da

¹ - O estudo foi coordenado por Johan Rockström, da Universidade de Estocolmo, e outros 28 cientistas de Universidades e Institutos europeus, norte-americanos e australianos e publicado no sítio www.stockholmresilience.org/planetary-boundaries - Fonte: **El País**, 4-10-2009 – publicado no sítio do **IHU**.

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional
SANSON, César

água doce, conversão de florestas em plantações, acidificação dos oceanos e ciclo do fósforo. Os outros dois são a contaminação química e a carga de aerossóis na atmosfera.

Segundo o relatório Planeta vivo 2008, divulgado pelo WWF, nosso consumo dos recursos naturais já excede em 30% a capacidade de o planeta se regenerar. Com outras palavras, a espécie humana já necessita hoje de 1,3 planetas para satisfazer suas necessidades e desejos de consumo. A “pegada ecológica” – indicador da pressão exercida sobre o ambiente está muito forte. A média é 2,2 hectare, mas o espaço disponível para regeneração (biocapacidade) é de apenas 1,8 hectare. Avançamos o sinal. Há quem diga que o estrago já foi feito e ponto de retorno já passou. Na análise do ambientalista James Lovelock, Gaia – o organismo vivo que é a Terra – está com febre e se nada, e urgentemente, for feito esse quadro poderá evoluir para o estado de coma.

É o tipo de desenvolvimento econômico implantado, especialmente, ao longo dos últimos dois séculos, baseado no paradigma do crescimento econômico ilimitado, na idéia de progresso infinito e na concepção de que os recursos naturais seriam inesgotáveis e de que a nossa intervenção sobre a natureza se daria de maneira neutra que se encontra a razão do impasse que vivemos. Na origem da crise ecológica está o consumo desenfreado. O estilo de vida americano e ocidental – reproduzido em grande parte do continente latino-americano – não é compatível com as possibilidades do nosso Planeta.

“Essa crise ambiental não veio do nada. Não foi desastre natural, foi causada por homens”, diz Nicholas Stern². Quando se pensa que uma

² - Cf. artigo de Nicholas Stern publicado na **Folha de S.Paulo**, 03-11-2008. Nicholas Stern é responsável pelo **Relatório Stern** – extenso estudo sobre os efeitos na economia mundial das alterações climáticas nos próximos 50 anos.

sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas futuras³, percebe-se que o nosso modo de produção e de consumo está comprometendo a vida das futuras gerações, ou seja, estamos decidindo a sorte de quem virá depois de nós, deixando-lhes um mundo árido, poluído e feio.

Emerge com intensidade crescente a consciência de que qualquer projeto radicalmente alternativo de sociedade não pode desconsiderar a questão ecológica.

CRISE ECONÔMICA

O mundo vive às voltas com ameaças de crise econômica. Tem sido assim nas últimas décadas. Porém, foi a crise financeira que estalou nos Estados Unidos em agosto de 2007, que permitiu o retorno do debate ideológico e revelou a falácia do mercado como organizador da vida econômica, política e social da sociedade mundial. Foi a pior crise econômica desde a década de 1930. Como uma metástase se espalhou rapidamente, contaminou a economia mundial e arrastou o mundo para uma recessão levando milhares ao desemprego. Sob a perspectiva ideológica, a crise tendo o seu epicentro na maior economia mundial, abalou os mitos do liberalismo e colocou em xeque o ‘pensamento único’ que varreu irresistivelmente o planeta nas últimas décadas.

Alguns elementos da crise: Na essência da crise econômica está o descolamento do capital financeiro do capital produtivo – o dinheiro que gera dinheiro do nada, descolado da matriz produtiva. A crise evidenciou que o trabalho e a atividade produtiva deixaram de serem os agentes

³ - Definição de Lester Brown.

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

organizadores da sociedade que passaram às mãos do capital financeiro. O resultado desse processo atingiu em cheio o mundo real: demissões, anúncio de férias coletivas, interrupção da produção e o fechamento de fábricas.

Por outro lado, junto com a crise, os mitos econômicos vendidos como verdades irrefutáveis caíram por terra. Tardamente há um reconhecimento – de algo que há muitos anos vem afirmando o movimento social – de que o mercado precisa ser regulado. A tese liberal do mercado como aquele que se auto-regula se mostrou uma falácia. Os que ousavam criticar a desregulação financeira eram vistos como ‘atrasados’, entretanto, a própria Meca do liberalismo, os EUA, que impuseram as exortações do ‘pensamento único’ ao mundo, reconheceu que o mercado precisa de um mínimo de regulação. A maior potência econômica do mundo, os EUA, reconhece que a sua cruzada em defesa das virtudes do liberalismo esgotou-se. Os anos dourados do neoliberalismo e as orientações do ‘Consenso de Washington’ entraram em crise, ao menos do ponto de vista ideológico.

Ao mesmo tempo, a crise não é apenas de macro teoria, é também de natureza ética. Todo sistema histórico de organização da sociedade necessita de uma base de legitimação moral. Com a crise rompeu-se a ética de um sistema fundado em valores que decorrem da máxima “vícios privados, benefícios públicos”, ou seja, a ideia de Bernard de Mandeville, de que a sorte dos demais é, em última instância, uma manifestação do nosso amor-próprio, do nosso auto-interesse. A tese do egoísmo como virtude exposta por Adam Smith ao destacar que a busca compulsiva do próprio interesse conspiraria para a elevação do bem-estar da sociedade falhou. A cobiça desmedida dos agentes financeiros desatou a crise.

Nesta perspectiva, assistiu-se ao retorno do protagonismo do Estado que havia sido colocado de lado. O Estado deixou de ser o problema para voltar a ser a solução. O Estado se tornou a tábua de salvação do capitalismo – assistiu-se a um derrame de dinheiro público para salvar bancos e fábricas. O dinheiro que nunca se tem para aplicar na redução da pobreza e da desigualdade no mundo apareceu para resgatar os interesses dos mais poderosos.

Cabe destacar que na origem da crise econômica encontra-se o consumo compulsivo. Foi a obsessão pelo consumo da sociedade americana (imóveis, carros, bens duráveis) que lançou o mundo na crise. Esse fato associa-se ao tema da crise ecológica, a crise energética e alimentar.

O lado positivo da crise encontra-se na possibilidade do fim do unilateralismo e na formação de um mundo multipolar e, sobretudo, no revigoramento das teses do movimento antiglobalização. A necessidade de controle do capital financeiro propugnada pela ATTAC – que ganhou corpo ao longo das edições do Fórum Social Mundial (FSM) retomou fôlego novamente.

CRISE ENERGÉTICA

A civilização moderna é insaciável por energia. A voracidade por energia está associada aos padrões sempre crescentes de produção e consumo. A energia impostou-se no centro do desenvolvimento neste início do século XXI. Não há país no mundo hoje que não esteja às voltas com a questão energética, que tem hoje o potencial de estrangular qualquer economia. O mundo necessita sempre mais de petróleo, carvão,

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

gás, eletricidade, energia nuclear e agora biocombustíveis. As matrizes energéticas, via-de-regra, se produzem a partir de uma lógica concentrada e concentradora, além de refém do gigantismo – basta pensar aqui nas gigantescas estruturas para extração e refino de petróleo, nas hidrelétricas e usinas nucleares.

As matrizes energéticas centralizadoras, poluidoras e devastadoras do meio ambiente – tributárias da sociedade industrial –, apresentam enorme ameaças a biodiversidade e perigos à civilização humana, particularmente no caso da energia nuclear. Cabe alertar que essas matrizes energéticas pertencem cada vez mais ao passado e o século XXI exigirá outras fontes de energia – renováveis e limpas.

Na realidade, em termos energéticos, a humanidade está passando da era do petróleo para uma era em que a produção de energia se dará em escala descentralizada e com impactos menores sobre o ambiente. A nova economia tendo como paradigma a Revolução Informacional, que está deixando para trás a Revolução Industrial, potencializa a gestação de um novo tipo de organização produtiva menos poluidora e com potencial descarbonizador. Essa nova economia potencializa novas matrizes energéticas que podem oportunizar inclusive a criação de outro tipo de empregos.

O pesquisador Jeremy Rifkin⁴ nos dá uma ideia do que está por vir: “Estamos no início da terceira revolução industrial: no período dos próximos trinta anos tudo mudará como mudou quando o vapor foi substituído pela eletricidade. Desta vez, quem vencerá será a *intergrid*, a Internet da energia: uma rede elétrica interativa e descentralizada, que transformará milhões de consumidores em pequenos produtores de

⁴ - Cf. entrevista de Jeremy Rifkin ao **La Repubblica**, 08-11-2008. Fonte sítio do **IHU** - www.ihu.unisinos.br – publicado em 12-11-2008.

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

energia criando um sistema mais confiável, mais seguro e mais democrático. Os edifícios serão envoltos em fotovoltaicos e, em vez de sugar a energia, produzirão. Os motores dos automóveis poderão, por sua vez, transformarem-se em mini-centrais, os tetos dos pavilhões beberão a energia solar com seus painéis e a restituirão. Uma parte da eletricidade será consumida diretamente no local de produção, reduzindo a dispersão. É uma revolução radical que mudará toda a arquitetura do nosso sistema produtivo. E quem compreender isso primeiro guiará o novo salto industrial”.

Segundo ele, “o século que apenas se iniciou é o século da terceira revolução industrial. O século da Internet e a energia soft que é produzida a partir de baixo, nos bairros, nas casas, se articulando em rede, com entrada e saída, os fluxos de informação e da energia. É um modelo descentrado, democrático, mais confiável tanto do ponto de vista dos custos quanto daquele da independência da produção”.

A nossa civilização centrada no petróleo, e pode-se acrescentar aqui as megas hidrelétricas e usinas nucleares, não se justificam mais, são tributárias de uma sociedade que está ficando para trás.

Neste aspecto, o Brasil em vez de assumir a vanguarda no processo de descarbonização da economia, investe em matrizes superadas – grandes hidrelétricas como as do Rio Madeira e de Belo Monte. Essas grandes obras implicam em grandes inundações de terras, em significativos deslocamentos de pessoas e em devastação ambiental gigantesca e sucessivos apagões. Essa é também a lógica subjacente aos agrocombustíveis que utilizam grandes extensões de terra, produção em larga escala, avançando sobre terras agricultáveis e voltadas para suprir

preferencialmente o mercado externo. É nesse mesmo sentido que se deve olhar criticamente o pré-sal.

CRISE ALIMENTAR

Segundo a FAO, organismo da ONU dedicada à alimentação, 1 bilhão de pessoas passam fome hoje no mundo. Os que sobrevivem à fome carregam seqüelas para sempre. A fome mina a vida e acaba com a capacidade produtiva, enfraquece o sistema imunológico, impede o trabalho e nega a esperança. Dados dão conta de que a fome mata 24 mil pessoas a cada dia – 70% delas crianças; cerca de 200 milhões de crianças de países pobres tiveram seu desenvolvimento físico afetado por não ter uma alimentação adequada, segundo o Unicef; nos últimos anos irromperam revoltas por causa da fome em 25 países.

A obscenidade da fome, entretanto, se torna ainda maior quando se sabe que: no mundo de hoje há mais comida do que em qualquer outro momento da história da humanidade; temos 6,7 bilhões de habitantes, e produzimos mais de 2 bilhões de toneladas de grãos, o que significa que produzimos quase um quilo de grãos por pessoa e por dia no planeta, amplamente suficiente para alimentar a todos; segundo a FAO o mundo precisaria de US\$ 30 bilhões por ano para lutar contra a fome, recursos que significam apenas uma fração do US\$ 1,1 trilhão aprovado pelo G-20 para lidar com a recessão mundial; 65% dos famintos vivem em somente sete países; no mesmo momento em que 1 bilhão de pessoas estão passando fome, outro 1 bilhão sofre de obesidade por excesso de

O 'bem-viver': uma resposta à crise civilizacional
SANSON, César

consumo; uma criança americana consome o equivalente a 50 crianças africanas da região subsaariana⁵.

Muitos pensam que o problema da fome se deve ao excesso da população, de que não há alimentos para todos e se faz necessário o controle da natalidade. Essa tese não se justifica. A FAO há vinte anos afirma que o problema é político. A fome é um problema, sobretudo, de acesso à comida e não de disponibilidade de alimentos, ou seja, a crise alimentar não é uma crise fundamentalmente de produção, mas de distribuição. O problema está no mercado.

A razão para o aumento da fome está ainda associada, entre outros fatores, a crise econômica (leia-se especulação das grandes corporações com os alimentos que chamam de commodities), às mudanças climáticas que provocam em alguns momentos inundações e, em outros, secas terríveis, e ao aumento das controvertidas plantações para produzir combustível, que rouba áreas da agricultura de subsistência.

A crise alimentar está também associada aos escandalosos subsídios concedidos aos fazendeiros dos países ricos. Existe muito dinheiro para subsidiar a agricultura dos que já tem muito e pouco, ou quase nada, para os países pobres que mais precisam. Nas últimas décadas, o livre comércio e as políticas neoliberais favoreceram e incrementaram o agronegócio, em detrimento da agricultura familiar, da reforma agrária, da produção ecológica. A globalização não significou o livre comércio de comida de alguns países para outros. Pelo contrário, ela esmaga os países que podem produzi-la.

⁵ - Os dados – desse parágrafo como do anterior - se encontram na Conjuntura da Semana produzida pelo CEPAT em parceria com o IHU e se encontra no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27612

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

Ao mesmo tempo a Revolução Verde e agora os transgênicos, vendidos como solução para a crise alimentar são um grande engodo. O modelo agrícola dominante no mundo, o agronegócio, é destruidor da natureza. Assentado no monocultivo, concentrador de recursos e protagonizado pelo grande capital gera um reduzido número de postos de trabalho e atende fundamentalmente interesses transnacionais. Os fertilizantes químicos e os defensivos agrícolas, causam estragos ambientais muitos deles irreversíveis. Insistir nesse modelo como resposta ao problema da fome é uma mentira.

A CRISE DO TRABALHO

O trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas. É o trabalho que identifica, determina, distingue, classifica e marca decisivamente as nossas relações sociais, quem somos, o que fazemos e os nossos valores. Tem sido assim ao menos nos últimos duzentos anos. “A era moderna – entenda-se o surgimento da Revolução industrial – trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade operária”⁶. É essa sociedade – a sociedade operária ou a sociedade salarial – que agora está em crise.

Nesses últimos dois séculos poderíamos dizer que a sociedade industrial instituiu alguns “valores” em torno do trabalho. Valores que foram passando de gerações para gerações. Hoje, entretanto esses “valores” estão em crise com consequências econômicas, sociais e culturais.

⁶ - ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 2002.

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

Na sociedade industrial o trabalho é o elemento central que permeia o conjunto das instituições e as pessoas provam o seu valor pelo seu trabalho. Hoje, porém, com a desestruturação da sociedade salarial em que milhares se encontram desempregados ou em atividades mal remunerados, sem carteira assinada, muitos vivem uma situação de constrangimento porque não conseguem estabelecer uma relação de pertença à sociedade.

No período anterior, a profissão marcava o trabalhador – uma vez exercendo determinada atividade para sempre a exercia e o trabalho se fazia maneira continuada, geralmente em um mesmo local, na mesma fábrica e em função do tempo em que conviviam juntos, na mesma planta industrial, os trabalhadores construía laços de fidelidade, companheirismo, de amizade e lealdade. Hoje, na medida em que o trabalho se realiza de forma intermitente, trabalha-se um pouco aqui e um pouco ali, permeado de tempos de não trabalho, acabou-se a “estabilidade”, a possibilidade de estabelecer projetos. Como pensar no longo prazo se tudo acontece no curto prazo? Como estabelecer laços de solidariedade e de companheirismo – sentimento de classe –, se as relações já não são duradouras?

O mundo do trabalho está passando por uma radical mudança. Não se trata de uma mudança qualquer. Uma verdadeira revolução está acontecendo, que altera tudo e mexe com todos. Desregulamentação, flexibilização, terceirização e precarização tornaram-se conceitos fortes para explicar a nova realidade do trabalho. “O desemprego em massa e o desmantelamento da proteção social criam novas categorias de pessoas: os supranumerários, os inempregáveis, os desfilados, os desvalidos, os

dissociados, os desqualificados, os supérfluos. Os 'inúteis para o mundo"', afirma Castel⁷.

O mundo do trabalho de hoje divide-se sempre e cada vez mais entre os integrados: os trabalhadores estáveis, em número reduzido, com bons salários e vinculados aos circuitos mundiais de produção; os semi-integrados: trabalhadores em situação de risco, aqueles que trabalham precariamente e de forma intermitente e os excluídos: trabalhadores que estão fora da sociedade salarial, estão no mercado informal, fora da rede de proteção social.

A profunda mudança que percebemos no mundo do trabalho e particularmente na forma de se pensar e organizar o trabalho estão associadas às conseqüências da revolução tecnológica e ao ataque do (neo) liberalismo à legislação do trabalho.

A chamada quarta Revolução Industrial vem impactando extraordinariamente o mundo do trabalho por ser portadora de uma nova forma de organizar o trabalho humano e também em função da dispensa de mão de obra. Ao contrário da revolução industrial que incorporou maciçamente mão-de-obra, a revolução tecnológica vem eliminando postos de trabalho.

Por outro lado, a precarização do mundo do trabalho está relacionada à atual fase de acumulação capitalista, caracterizada pela globalização, a desregulação comercial e financeira e a concentração do capital produtivo. O capital se tornou ainda mais forte e através de sua influência junto ao Estado procura dismantelar as conquistas obtidas

⁷ - CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1998.

pelos trabalhadores. Assiste-se uma tentativa do capital em acabar com o Estado de Bem-Estar Social, que aqui no Brasil nem chegou a se constituir. Livre das amarras da luta que se travou na arena pública, o capital retomou e deslocou o debate para a arena privada, ou seja, de agora em diante, é o mercado que procura definir as regras do jogo. Nessa perspectiva, as relações de trabalho se fazem sempre e cada vez mais num processo de relações institucionais de individualização, na qual os atores do trabalho se vêem enfraquecidos, vide os sindicatos.

Repensar a organização social do trabalho é uma exigência da nova realidade social. Aumenta a percepção de que o desemprego, a informalidade, as situações de precarização do trabalho não é algo meramente conjuntural, mas se tornou estrutural, ou seja, cada vez mais a precarização é central e constitutivo à nova forma de organização do sistema produtivo centrado na revolução tecnológica. O capitalismo do 'pleno emprego' se tornou uma quimera.

É preciso construir uma nova noção de trabalho que supere a visão meramente econômica, que divide a sociedade entre os que recebem e os que não recebem. Entre os que têm emprego e os que não o têm. É necessário e urgente discutir os ganhos de produtividade. Por que apenas alguns se beneficiam com a produção cada vez maior? Não deveríamos considerar que o aumento da produtividade é fruto do conjunto da evolução do conhecimento da humanidade e que, portanto, todos têm o direito de usufruir desses ganhos?

A crise da sociedade salarial, do emprego, é uma ótima oportunidade para se pensar, debater e avançar em propostas que contribuam para outro paradigma civilizacional que tenha como referência a organização social do trabalho na perspectiva da inclusão social.

O 'BEM-VIVER' COMO RESPOSTA À CRISE CIVILIZACIONAL

Considerando-se o conjunto da análise anterior, emerge das comunidades originárias latino-americanas, particularmente dos povos indígenas, uma novo conceito de pensar a vida em comum que pode contribuir na superação ou mitigação da crise civilizacional. Trata-se do 'bem-viver', de uma convivência comunitária intercultural, sem assimetrias de poder. É um modo de viver sentindo-se parte da comunidade.

Na luta contra a destruição do planeta e no debate sobre como preservar o que resta, redescobrimos os povos indígenas. Hoje realizamos dezenas de campanhas para motivar as pessoas a consumirem menos e colocarem menos pressão sobre os recursos naturais. Os povos indígenas não precisam nada disso. Os povos indígenas nos ensinam que o conceito de sustentabilidade está vinculado a outra lógica, ao não crescimento, ao respeito e preservação da biodiversidade.

Nos últimos anos, diversos países latino-americanos, como Equador e Bolívia, vem incorporando nas suas constituições, o conceito do bem-viver, que nas línguas dos povos originários soa como *SumakKawsay* (quíchua), *Suma Qamaña* (aimará), *Teko Porã* (guarani). Para alguns sociólogos e pesquisadores temos aí uma das grandes novidades no início do século XXI.

Redescobre-se agora um conceito milenar: O 'Bem-Viver'. "A expressão Bem-Viver, própria dos povos indígenas da Bolívia, significa, em primeiro lugar 'viver bem entre nós'. Trata-se de uma convivência comunitária intercultural e sem assimetrias de poder (...) É um modo de viver sendo e sentindo-se parte da comunidade, com sua proteção e em

O ‘bem-viver’: uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

harmonia com a natureza (...) diferenciando-se do ‘viver melhor’ ocidental, que é individualista e que se faz geralmente a expensas dos outros e, além disso, em contraponto à natureza”, escreve Isabel Rauber⁸, pensadora latino-americana, estudiosa dos processos de construção do poder popular em indo-afro-latinoamérica.

De acordo com David Choquehuanca⁹, o Bem-Viver é um processo que está apenas começando e que pouco a pouco irá se massificando: “Para os que pertencem à cultura da vida, o mais importante não é o dinheiro nem o ouro, nem o ser humano, porque ele está em último lugar. O mais importante são os rios, o ar, as montanhas, as estrelas, as formigas, as borboletas (...) O ser humano está em último lugar, para nós o mais importante é a vida”. Fernando Huanacuni¹⁰, uma das principais referências intelectuais dos aymara na Bolívia, sustenta que a base do processo de mudança no país está na retomada de culturas originárias. “Quando falamos de comunidade, não falamos só de humanos. Comunidade é tudo: animais, plantas, pedras”, diz ele.

O indígena não critica apenas o utilitarismo do capitalismo, mas critica também o utilitarismo do marxismo: “O marxista quer, tem somente um pensamento material. Nós preferimos não explorar porque é importante para o equilíbrio da vida. Mas o marxista não pensa assim. Para mudar o sentido de um rio, o marxista vai colocar tratores e pronto. O indígena vai dizer ‘não, calma, espera, vamos pedir permissão para os nossos ancestrais e vejamos se é bom’. O marxista vai dizer ‘claro que é bom, aqui vamos produzir’. Ele não vê importância no espiritual, não o

⁸ - Cf. <http://isabelrauber.blogspot.com>

⁹ - Rebelión, 13-11-2015.

¹⁰ - Brasil de Fato, 13-07-2009.

O 'bem-viver': uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

sente. Por isso ainda não está entendendo”. O “nosso modelo não é comunista, mas comunitário”, diz ele.

O líder yanomami Davi Kopenawa¹¹ diz que “o homem branco está enlouquecido com a terra, sempre quer tirar mais e mais para que a cidade cresça. Só pensa no solo: petróleo, ouro, minerais, estradas, carros, trens”. Interpela o líder indígena: “Vocês falam em resgate: cortaram a floresta e, agora, para resgatar é difícil e já está tarde. Tem de resgatar antes de destruir. O homem da cidade não gosta da natureza, dos animais, das árvores. Ele só gosta de derrubar e fazer plantação de capim. Quem come capim? O boi. O homem branco é capitalista, pensa só no dinheiro e em derrubar as árvores, matar animais”, diz ele.

O Bem-Viver nos convida a “sair da dicotomia entre ser humano e natureza”, diz KatuArkonada¹², pesquisador e analista do Centro de Estudos Aplicados aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais – Ceadesc, da Bolívia. Ou seja: “despertar para uma consciência de que somos filhos da Mãe Terra, da Pachamama, e tomar consciência de que somos parte dela, de que dela viemos e com ela nos complementamos”. É um estilo de vida que nos ensina “não a viver melhor, mas sim a viver bem com menos”, resume.

CONCLUSÃO

Há um mal estar difuso na sociedade mundial. O século XXI não começou bem. Assiste-se a um paradoxo: a prodigiosa (r)evolução das

¹¹ - Revista IHU On-Line: *Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade*, nº 340, 23-agosto 2010

¹² - Revista IHU On-Line: *Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados*, nº 340, 23-agosto 2010

O 'bem-viver': uma resposta à crise civilizacional

SANSON, César

forças produtivas, da ciência e da técnica dá sinais de que ao invés de conduzir a humanidade ao porto seguro, o bem viver coletivo, empurra a civilização para a barbárie. Estamos diante do enigma, como lembra o filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz, “de uma civilização avançada na sua razão técnica, mas dramaticamente indigente na sua razão ética”. Parece que está em curso uma reestruturação regressiva, ou seja, abandona-se o sonho da igualdade, de uma sociedade solidária, e no seu lugar imposta-se a ideologia do “novo individualismo” que se traduz na máxima da competitividade.

O desafio para a cidadania mundial é abrir picada para a sociedade civilizatória. O nosso programa precisa criar formas alternativas ao consumismo, à mercantilização generalizada, ao desprezo pelos impactos ambientais das atividades econômicas, ao produtivismo, à procura de satisfação dos interesses privados em detrimento dos interesses, dos bens e dos serviços coletivos, ao desrespeito aos direitos humanos.

O Bem-Viver é uma mudança no modo de pensar e de agir, onde o bem comum é mais importante do que os interesses individuais. É também outro modo de organizar a economia, sabendo que os recursos da Terra são limitados, e isso exige que cada um de nós aprenda a viver com menos para que todos possam viver com justiça e liberdade.

Para que haja Bem-Viver, é preciso: respeitar todas as formas de vida; conviver em harmonia com a natureza porque ela é parte de nós e nós somos parte dela; conseguir uma vida digna para todas as pessoas e bom relacionamento entre elas, dando maior valor ao bem comum; partilhar o que se consegue produzir entre todos; não produzir mais do que o necessário, mas produzir o suficiente para todos.

O 'bem-viver': uma resposta à crise civilizacional
SANSON, César

O Bem-Viver é uma inspiração para outro modelo de sociedade. Não se trata de idealizar e considerar que de um momento para outro transitaremos de uma sociedade de mercado para uma sociedade comunitária onde tudo será colocado em comum. Essa possibilidade reside como utópica. É incontestável, porém, que o capitalismo e as suas crises sistêmicas nos empurra para a barbárie e aqui reside como um contra-pontoa contribuição do Bem-Viver.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 2002.

ARKONADA. Katu. *Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados*. In: SumakKawsa, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-Viver. **IHU ON-LINE**, São Leopoldo, ano X, nº 340, 23-agosto 2010, p. 11-14.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1998.

KOPENAWA. Davi. *Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade*. In: SumakKawsa, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-Viver. **IHU ON-LINE**, São Leopoldo, ano X, nº 340, 23-agosto 2010, p.29-31.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade**, São Paulo: Loyola, 2002.